

MEDIAÇÃO DE LEITURA: DONA BENTA EM TEMPOS DE REVOLUÇÃO DIGITAL

READING MEDIATION:

DONA BENTA IN TIMES OF DIGITAL REVOLUTION

Juliana Pádua Silva Medeiros¹

Patrícia Aparecida Beraldo Romano²

1 Doutoranda pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), mestre em Letras pelo programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP), especialista em Literatura e Artes Visuais (UNIFEV) e graduada em Letras (FEF). É membro dos grupos de pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (USP), O discurso pedagógico de Paulo Freire: confluências (UPM) e Literatura Infantil e Juvenil (GEPLIJ/UNIFESSPA). Atualmente, é consultora pedagógica, formadora de professores e produtora de conteúdo na área de Metodologias Ativas. E-mail: julianapadua81@gmail.com

2 Doutora pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), cuja tese, defendida em 2017, versa sobre a personagem Dona Benta, de Monteiro Lobato, como mediadora de leitura. Parte desse trabalho foi publicada em livro com o título Dona Benta: uma mediadora no mundo da leitura, em 2019, pela editora Appris. Atualmente, é professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, campus de Marabá, onde leciona disciplinas de Literatura Infantil e Juvenil e de Estágio Supervisionado em Língua e Literatura. Coordena o Grupo de Pesquisa GEPLIJ e tem orientado trabalhos na Graduação e Pós-Graduação em Literatura Infantil e Juvenil e em Literatura e Ensino. E-mail: paromano@unifesspa.edu.br

RESUMO: Em tempos de uma grande imersão nos *smartphones* e nos *tablets*, temos observado que os professores vêm encontrando dificuldades para envolver seus alunos na leitura de obras literárias. Diante desse cenário, no qual os livros concorrem com os dispositivos móveis, tomamos como exemplo a figura de Dona Benta - personagem das histórias infantis de Monteiro Lobato - com o objetivo de refletirmos sobre o papel do mediador de leitura na contemporaneidade: não somente aquele que apresenta os textos, mas também convida os leitores a olharem para o universo que os circunda. Para tanto, neste artigo, abordaremos a performance da avó de Narizinho e Pedrinho, particularmente, em *Geografia de Dona Benta* (1935) e em *D. Quixote das crianças* (1936), e, depois, inspiradas nessa prática de formação, proporemos estratégias de mediação alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para trabalhar com os livros citados, a partir do uso de recursos digitais, no 6º ano do Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Dona Benta; Literatura; Mediação; Recursos Digitais.

ABSTRACT: In times of great immersion in smartphones and tablets, we have observed that teachers have found great difficulty in involving their students in reading literary works. In view of this scenery, in which books compete with mobile devices, we have as an example the figure of Dona Benta - a character in Monteiro Lobato children's stories - with the aim of reflecting on the role of the mediator of reading in contemporary times: not only the one who presents the texts, but also the one who invites readers to look at the universe that surrounds them. Therefore, in this article, we will discuss the performance of Narizinho and Pedrinho's grandmother, particularly in *Geografia de Dona Benta* (1935) and in *D. Quixote das Crianças* (1936), and then, inspired by this training practice, we will propose strategies of mediation - aligned with the National Common Curricular Base (BNCC) - to work with the books cited, using digital resources, in the 6th year of elementary school.

KEYWORDS: Dona Benta; Literature; Mediation; Digital Resources.

INTRODUÇÃO

*Qualquer adolescente de hoje em dia sabe que um PC é um computador pessoal [...] No entanto, para os homens da minha geração [...] PC significava Partido Comunista. Hoje, PC serve de bandeira para um outro movimento revolucionário e, como quase sempre nesses casos, são jovens quem o encabeçam. Trata-se da revolução digital, informática, ou seja lá que outro nome se queira dar a ela, que há uma década vem sacudindo a humanidade.*³

Juan Luis Cebrián

Segundo Morin (1997a, p. 147), “numa sociedade em rápida evolução e, sobretudo, numa civilização em transformação acelerada como a nossa, o essencial não é mais a *experiência acumulada*, mas a *adesão ao movimento*”. Por isso, neste artigo, cientes do quão urgente se faz sintonizar as nossas práticas docentes à atual concepção de realidade que vem sendo esculpida, propomos discutir sobre estratégias de mediação, em tempos de tecnologias digitais da informação e comunicação, as chamadas TDICs, a partir da forma como Dona Benta explora o universo da leitura em duas obras infantis de Monteiro Lobato, *Dom Quixote das Crianças* (1936) e *Geografia de Dona Benta* (1935).

A nossa tese⁴ de que essa personagem deva ser tomada como uma espécie de modelo de mediadora de leitura, em sala de aula no século XXI, alicerça-se em dois pontos. Primeiramente, no fato de Dona Benta apresentar, enquanto leitora proficiente dos mais variados assuntos, os livros às crianças de maneira instigante, envolvendo-as em reflexões complexas não só a respeito da construção dos sentidos presentes nos textos, mas também sobre os diversos conhecimentos que os perpassam, pois, con-

3 Cebrián (1999), a partir de reflexões sobre a geração em rede, problematiza os rumos de uma sociedade imersa no universo digital. Para ele, as inovações tecnológicas, nos mais variados campos, afetam diretamente as relações familiares, as formas de trabalho e de lazer, os comportamentos sociais e psicológicos, os negócios, as organizações políticas e as práticas de ensino-aprendizagem.

4 Parte das ideias deste artigo nasceram na elaboração da tese de doutorado de Patrícia Romano, intitulada “Dona Benta, mediadora de leitura em *Dom Quixote das Crianças* e *Geografia de Dona Benta*, de Monteiro Lobato”, defendida, em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Posteriormente, um recorte desse trabalho foi publicado em livro reintitulado *Dona Benta: uma mediadora no mundo da leitura*, editora Appris, 2019.

forme nos esclarece Lajolo (2005, p. 103), ao abordar o projeto de leitura, de tradução e de adaptação de *Dom Quixote das crianças*, “o leitor encontra material bastante rico para reflexão sobre questões de leitura, de leitura dos clássicos, da adequabilidade de certas linguagens a certos públicos, do papel a ser representado pelo adulto responsável pela iniciação dos jovens na leitura e mais miudezas.” Cardoso (2008, p. 290 e 291) nos conta que, em *Geografia de Dona Benta*, Monteiro Lobato também “idealizava um projeto educacional democrático, autônomo, capaz de formar leitores críticos, preparando-os para vida” e, por isso, não escondia das “crianças as guerras, bem como suas causas, a necessidade de poder e dominação, características tão marcantes do ser humano”. Contudo, vale sublinharmos que essas propostas de formação humana, evidenciadas no modo como a avó-leitora-mediadora conduz os serões, nem sempre foram compreendidas, acarretando a proibição das obras lobatianas em várias escolas, ainda no tempo em que Lobato era vivo.

O segundo ponto é a noção de que “a literatura é um mundo aberto ao mesmo tempo às múltiplas reflexões sobre a história do mundo, sobre as ciências naturais, sobre as ciências sociológicas, sobre a antropologia cultural, sobre os princípios éticos, sobre política, economia, ecologia...” (MORIN, 1997b, p. 67).

Nesse sentido, compreendendo a literatura “[...] não só como um *produto da imaginação criadora do homem*, mas também como um *meio de problematizar o real* - uma espécie de ‘encruzilhada’ por onde passam e se cruzam todos os ‘caminhos’ que formam o ‘mapa’ da sociedade” (COELHO, 2000 p. 28, grifos da autora), iremos sugerir também possibilidades de se trabalhar os dois livros em questão, no 6º ano do Ensino Fundamental, a partir do uso do recursos digitais integrados, como prevê a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

DONA BENTA, A PERSONAGEM MEDIADORA DE LEITURA NA SAGA INFANTIL LOBATIANA

E tal como o mestre-capoeira ensina ao menino os movimentos da luta, tal como a rendeira ensina à neta a colocação da almofada e o jogo dos bilros, como o barqueiro do São

Francisco fala ao aprendiz das histórias e das almas do rio, dos sorvedouros e dos bons lugares de ancorar, quem faz o elo entre leitor e livro fala do que é o livro. Fala do que é o livro, ensina o leitor a se mover por suas páginas, diz das experiências por ele propiciadas, ajuda a compreender o texto, como fez um homem rude e enigmático em suas clarezas [...]

Nilma Lacerda

Uma senhora que respeitava os livros. Isso mesmo. Uma personagem leitora e mediadora de leitura. Falamos aqui de Dona Benta, personagem-avó das obras infantis de Monteiro Lobato.

Dona Benta aparece já em *A menina do Narizinho Arrebitado*, em 1920-1921. Mas não é ainda a senhora que conhecemos. Apenas em 1931, com a publicação de *Reinações de Narizinho*, é que os leitores vão se deparar com a avó que será a mediadora de textos para toda a turma do Sítio do Picapau Amarelo ao longo da saga de mais de vinte volumes. Vejamos Dona Benta nestes dois textos separados no tempo por 10 anos:

A menina do narizinho arrebitado (1920/21) (Edição Fac-similar, 1982)	Reinações de Narizinho (1931)
<p>Naquela casinha branca, -- lá muito longe, mora uma triste velha, de mais de setenta anos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e trêmula, e catacega, sem um só dente na boca - jururu... Todo o mundo tem dó dela: - Que tristeza viver sozinha no meio do mato...</p> <p>Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pai e de mãe, que lá mora desde que nasceu. (LOBATO, 1982, p. 3)</p>	<p>Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:</p> <p>- Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...</p> <p>Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas - Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. (LOBATO, 1977, p. 9)</p>

Quadro 1: Comparação entre descrições da Dona Benta

FONTE: ROMANO, 2019, p. 92

Como vimos no quadro acima, Dona Benta nasce sem nome e parece estar já no fim da vida, trêmula, catacega e sem dentes na boca. Nem de perto essa descrição assemelha-se à personagem que hoje conhecemos nas obras do Sítio do Picapau

Amarelo.⁵ Como poderia aquela personagem, com tal caracterização, participar de todas as aventuras que tinham passado pela cabeça de nosso escritor? Dona Benta precisava de mais tempo de vida e de mais vivacidade.

Eis que uma década e muitos outros pequenos textos com aventuras da turma, no meio do caminho, serviram para que Lobato percebesse a necessidade de rejuvenescer a avó. Pois foi o que o leitor passou a encontrar em 1931, com a publicação de *Reinações de Narizinho*. Nele, a senhora recebe um nome, Benta, e tem pouco mais de sessenta anos. É ativa, gosta de costurar e usa óculos de ouro no nariz, o que nos faz deduzir que se trata de alguém com alguma posse. De acordo com o trecho apresentado anteriormente, ela vive contente (“mais feliz das vovós”), pois mora em companhia de Lúcia (“mais encantadora das netas”). Por meio dessa reelaboração do texto, o escritor traz, então, certa delicadeza à obra, antes bem mais sisuda, talvez por conta da avó catacega e da neta órfã de pai e mãe.

Esse tom mais leve e carinhoso é o que reverberará na cabeça de todo leitor de Lobato quando conhece Dona Benta. Para nós, professores de literatura, conhecê-la significa também admirá-la não só como uma grande leitora que ela é, mas também mediadora de leitura em que se torna. Explicamos. Dona Benta, apaixonada pelo ato de ler, empresta as suas competências leitoras para os leitores em formação.

Dona de uma imensa biblioteca, já leu e releu exemplares importantes de textos que compõem a história da humanidade. Um desses muitos livros é *Dom Quixote*, de Cervantes, em dois enormes volumes, os quais se tornam mote para que Emília e os netos peçam a ela que lhes conte a história do herói da Mancha. Assim como leitora de *Quixote*, ela é também de *Peter Pan* e de *Hans Staden*, outros dois clássicos da literatura que, junto com o texto cervantino, serão recontados para os netos.

5 Convém ressaltarmos que, ao longo dos quase 90 anos, desde a publicação de *Reinações de Narizinho*, a representação de Dona Benta vem ganhando novos contornos devido às ilustrações que recebe. Cada vez mais jovem e irreverente, a imagem de Dona Benta tem sido repaginada com frequência, em especial, depois que os textos de Monteiro Lobato passaram a ser publicados pela Editora Globo em 2007, e também entraram em domínio público em 2019, quando surgiram novas edições. Será que isso a deixa mais “moderna” ou a personagem continua sendo contemporânea pela forma como medeia as histórias?

Atenta sempre à importância da leitura, ela oferta os mais variados assuntos e os estimula a imersão nos textos para, futuramente, quando desenvolverem as habilidades leitoras esperadas, busquem os textos originais dos quais ela reconta as histórias ou sobre os quais faz comentários críticos ou ainda ouve e comenta os comentários dos netos e dos bonecos Emília e Visconde.

Como mediadora de leitura, Dona Benta é capaz de se inserir entre o texto lido (ou recontado) e o ouvinte, ajudando-o a entender as relações entre ambos. Por isso, em seus serões, faz questão de que seus netos dialoguem com ela e perguntem sempre que alguma dúvida surgir. Seu vasto e rico repertório de leitura faz com que ela seja respeitada e valorizada, em especial, pelos próprios netos e também pelos outros moradores do Sítio. Além de recontar clássicos literários, também aproveita seus serões para recontar e mediar a história do mundo e sua geografia (a partir de uma viagem imaginária que ela e a turminha empreendem a bordo do navio “O Terror dos Mares”). Também ajuda o Visconde a explicar como se faz a exploração do petróleo no Sítio e faz experiências e as explica em *História das Invenções*. Vejamos:

Dona Benta valoriza o texto escrito, clássico, no original, mesmo que esteja fazendo dele uma adaptação oral. Ela faz questão de frisar, a seu ouvinte/leitor, a importância de, no futuro, ler o texto em sua versão completa. Trata-se de uma importante competência mediadora a percepção de que o mediador é uma “ponte” temporária entre o texto e seu leitor. Ele está ali apenas como facilitador, naquele momento, de distâncias históricas, linguísticas ou estilísticas. Vemos muito bem essa competência de Dona Benta nos exemplos de texto em que ela se preocupa com a leitura futura das crianças (ROMANO, 2019, p. 161).

Sensível às competências de leitura de seus ouvintes, a avó-leitora-mediadora encontra alternativas, geralmente eficazes, para mediar os textos para os netos e demonstra traquejos que contribuem para que as crianças gostem das histórias, queiram escutá-las, compreendê-las e discuti-las (e por que não, relê-las no futuro), acabando por torná-las, até mesmo, parte da própria realidade delas.

Essa era a Dona Benta personagem do início do século XX. E hoje, nos vinte primeiros anos do século XXI, em plena revolução digital, continuam atuais as táticas

de reconto de textos e a performance como mediadora de leitura da carismática Dona Benta? No momento em que vivemos, quando se fala tanto em TDICs e BNCC, como a personagem inspira processos de mediação antenados ao século XXI?

A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE REVOLUÇÃO DIGITAL

[...] mais do que o puro deslumbramento provocado por um conjunto de aparatos técnicos, os meios de comunicação e as novas linguagens devem ser pensados no contexto de um novo sensorium de que já nos falava Walter Benjamin (1985; 1987).⁶

Adilson Citelli

A sociedade, nos últimos séculos da grande marcha humana, vem sofrendo profundas e céleres transformações, o que, conseqüentemente, esculpe novos paradigmas nos modos de ser, pensar, sentir, agir e se comunicar. Com o advento da internet e a popularização dos microcomputadores, temos percebido de forma ainda mais evidente essas mudanças, como é o caso da Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0 e já se fala em Web 4.0.

De acordo com Santaella (2007, p. 195), “se prestarmos a atenção [no transcurso de apenas dois séculos], ficará perceptível que grande parte dessas invenções é constituída por tecnologias que incrementam a capacidade humana para a produção de linguagem.” Segundo a autora, essas tecnologias (info)comunicativas podem ser classificadas em cinco gerações, as quais produzem formas de culturas específicas, embora o surgimento de uma formação cultural não anule as outras, visto que ocorre a sobreposição e a complexificação nos modos de coexistência, como veremos a seguir:

6 Em seus textos, Walter Benjamin expõe que, a depender do contexto histórico e social, a circulação das mídias cria uma nova ordem perceptiva. Para ele, ao mesmo tempo em que transformam os seus modos de existência, os meios de comunicação acionam processos constituidores de sentido e, na interação com sujeitos, os novos estímulos sensoriais vão modificando a própria realidade.

CULTURAS	ÂMBITOS	TECNOLOGIAS	MÍDIAS	TRAÇOS
industrial	eletromecânica	do reproduzível	jornal, foto e cinema	reproduzibilidade
de massa	eletroeletrônica	da difusão	rádio e televisão	transmissão
das mídias	<i>narrowcasting</i>	do disponível e do descartável	para audiências específicas	segmentação
cibercultura	teleinformática	do acesso	digitais	interatividade
da mobilidade	comunicação móvel	da conexão contínua	locativas	portabilidade

Quadro 2: Cinco gerações tecnológicas (Santaella, 2007)

elaborado pelas autoras do artigo

A convivência imbricada desses cenários culturais midiáticos demarca, dos anos 1990 para cá, o início do que chamamos hoje de *revolução digital*⁷ e isso, no que se refere ao universo da literatura, não impacta somente a maneira como se produzem e se divulgam os textos literários, mas também o jeito de lê-los e mediá-los.

Há pouco tempo, a gigante editorial americana Simon & Schuster ditou novas regras para seus escritores. E quais seriam elas? Abrir um blogue. Criar uma página no Facebook. Gerar conteúdo em redes sociais literárias. Interagir. Contaminar-se. Sair dos escritórios empoeirados ou da pretensa redoma criativa. Abrir-se para as novas exigências e imperativos de uma época de cibercultura. Tudo isso posto em contrato (CRUZ, 2012, p. 32).

Nas instituições de ensino, também conseguimos notar uma certa mudança: a transição de aulas estritamente centradas na figura do professor-expositor para novos modelos educacionais, cujas dinâmicas colocam os estudantes como protagonistas

7 Para Cebrían (1999), a revolução digital tem como marco a difusão e a comercialização da internet. Segundo o autor, o período anterior à década de 1990 é uma espécie de prólogo à revolução. Tal ponto de vista difere da posição de Manuel Castells e Pierre Lévy, os quais concebem os anos de 1970, com a difusão dos microprocessadores pessoais e portáteis, como o marco inicial desse movimento de ruptura.

nos processos de aprendizagem. Esse movimento, apesar de vir caminhando a passos lentos, desponta, cada vez mais, com a adoção de percursos metodológicos personalizados a partir do uso integrado das tecnologias digitais.

Nesse sentido, como bem destaca Lévy (1999, p. 171, grifos do autor) ainda no século XX:

[...] a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc.

Por isso, compartilhando da mesma opinião de Martín-Barbero (1996, p. 19, grifos do autor) sobre o quanto as tecnologias digitais de comunicação e informação trazem um grande desafio para a sala de aula, haja vista que “apenas a partir da compreensão da *tecnicidade midiática como dimensão estratégia da cultura* que a escola pode inserir-se [verdadeiramente] nos processos de mudanças que atravessam a nossa sociedade”, retomamos as orientações da BNCC com o objetivo de propormos mais adiante - à moda de Dona Benta - possibilidades de mediação de leitura, no 6º ano Ensino Fundamental, a partir do uso de recursos digitais.

BNCC E TDICS, UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM A LITERATURA EM SALA DE AULA

*Não adianta a tecnologia reforçar o processo educativo tradicional. É preciso, antes de mais nada, repensar a educação. Repensar a educação e repensá-la a partir dos próprios educandos e, a partir daí, pensar um novo desenho do processo educativo, ver o replanejamento desse processo e verificar para que pode servir a tecnologia.*⁸

Guillermo Orozco Gómez

As diretrizes da BNCC buscam garantir, ao longo da Educação Básica, aprendizagens essenciais para o século XXI. De acordo com essas prescrições, os alunos devem ter assegurado o desenvolvimento de dez competências gerais que se consubstanciam em direitos éticos, estéticos, políticos e de aprendizados. Vale sublinharmos que tais competências só poderão ser alcançadas plenamente se houver a “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para desenvolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 8).

Para pensarmos em como é possível, ainda hoje, nos inspirarmos nos processos de mediação de leitura da nossa personagem-avó-leitora e, ainda por cima, ir ao encontro dos preceitos da BNCC, pontuamos, aqui, cinco competências gerais que dialogam com nossas sugestões de trabalho:

TÍTULOS	COMPETÊNCIAS
pensamento científico, crítico e criativo	Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
senso estético	Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

8 Orozco Gómez (1998) nos lembra que - sendo as tecnologias de informação e comunicação instâncias da cultura - precisamos nos questionar sempre o porquê do seu uso, afastando-nos de toda e qualquer concepção encantada com o em si tecnológico.

TÍTULOS	COMPETÊNCIAS
comunicação	Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
argumentação	Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
cultura digital	Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Quadro 3: Competências gerais (Brasil, 2018)

Elaborado pelas autoras do artigo

Se observarmos com atenção as competências gerais listadas acima, perceberemos que elas atravessam todas as áreas do saber e articulam uma formação humana global. Se reconhecermos que “A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico” (DIONISIO & VASCONCELOS, 2013, p. 19), constataremos, a partir dessa noção, que “É de suma importância que a escola proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros, suportes e mídias de textos escritos, através, por exemplo, da vivência e do conhecimento dos espaços de circulação dos textos, das formas de aquisição e acesso aos textos e dos diversos suportes da escrita.” (LORENZI & DE PÁDUA, 2012, p. 36). Mas também que “[...] desenvolva as diferentes formas de uso das linguagens (verbal, corporal, plástica, musical, gráfica etc.) e das línguas (falar em diversas variedades e línguas, ouvir, ler e escrever)” (ROJO, 2009, p. 119, grifos da autora), porque só assim podemos formar leitores verdadeiramente proficientes para ler o mundo.

Nesse sentido, trabalhar a literatura não se limita apenas a ler/ouvir e discutir

os sentidos dos textos escritos/impressos, mas também colocá-la em diálogo com outras expressões e produtos da cultura, assegurando, assim, os multiletramentos⁹:

[...] um trabalho que parte das culturas de referência do aluno (popular, local de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (como é o caso dos trabalhos com hiper e nanocontos) ou desvalorizados (como é o caso do trabalho com picho). Além disso, trabalhar com os multiletramentos partindo das culturas de referência do aluno implica a imersão em letramentos críticos que requerem análise, critérios, conceitos, uma metalinguagem, para chegar a propostas de produção transformada, que implicam agência por parte do alunado. (ROJO, 2012, p. 8)

Temos observado que, nos últimos tempos, nas aulas de literatura, o uso dos recursos digitais - como elemento integrador - tem ocorrido das mais diversas formas, desde a leitura da obras literárias até a partilha. É comum, por exemplo, os alunos lerem em uma plataforma virtual, pesquisarem em um dicionário eletrônico, escreverem suas impressões de leitura num *blog*, produzirem um *booktrailer*, criarem uma *fanfic* etc. Neste artigo, contudo, iremos destacar ideias para explorar as ferramentas tecnológicas e potencializar mais os processos de mediação.

POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO DE LEITURA EM UMA CULTURA DIGITAL

As transformações culturais, as novas condições de produção dos conhecimentos levam a novos estilos de sociedade nos quais a inteligência é produto de relações entre pessoas e

9 Multiletramentos é, portanto, um conceito bifronte: aponta, a um só tempo, para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicativa de letramentos, que se tornam multiletramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc.) (ROJO & MOURA, 2019, p. 20).

dispositivos tecnológicos. Mudam, assim, as formas de construção do conhecimento e os processos de ensino-aprendizagem.

Maria Teresa de Assunção Freitas

O professor, ao fazer a curadoria¹⁰ das obras que serão exploradas em sala de aula, precisa escolher livros que sejam atemporais e que, portanto, favorecem o prazer da leitura. Dentro desse rol, os textos infantis lobatianos, considerados clássicos, podem ser tidos como “atuais” pois, mesmo que escritos no início do século XX, continuam dialogando com a sociedade contemporânea.

Isso não se dá, por exemplo, devido ao fato de Dona Benta aparecer usando computador para enviar *e-mail* ao neto Pedrinho, como na última versão do *Sítio do Picapau Amarelo*, veiculada na televisão aberta no início do século XXI, mas sim pela maneira como traz discussões que respeitam a curiosidade e a inteligência das crianças. Nessa senda, acreditamos que, embora as personagens vivam no Sítio e se divirtam de outras formas, bem distantes daquelas experimentadas por uma geração imersa nos *smartphones* e nos *tablets*, as histórias convidam os leitores para um olhar de descoberta e muito disso é garantido pela tática de avó aventureira e mediadora de textos.

Uma obra literária mantém-se carregada de frescor, então, quando convida os seus leitores a olharem para si mesmos e para o mundo que os rodeia. Vejamos:

- Estou contando apenas algumas das principais aventuras de D. Quixote, e resumidamente. Ah, se fosse contar o D. Quixote inteiro a coisa iria longe! Essa obra de Cervantes é bem comprida; passa de mil páginas numa edição in-16.

[...]

- In-16, vovó? Que quer dizer isso?

10 De acordo com Rojo e Barbosa (2015, p. 124), *curadoria* é um conceito oriundo do mundo das artes que, cada vez mais, vem sendo usado “para designar ações e processos próprios do universo das redes: tanto conteúdo e tanta informação abundantes, dispersos, difusos, complementares e/ou contraditórios e passíveis de múltiplas interpretações, precisam de reordenamentos que os tornem inteligíveis e/ou que os revistam de (novos) sentidos.” Nessa perspectiva, fazer uma curadoria implica em escolher/selecionar conteúdos/informações e organizá-los, hierarquizá-los, apresentá-los etc. em um contexto de aprendizagem.

- É uma medida do formato dos livros. Os livros são feitos de papel, como você sabe. O papel vem da fábrica em folhas. Em cada folha imprime-se um certo número de páginas. Espere... O melhor é dar um exemplo. Traga um jornal.

- Pronto, vovó – disse ele. Aqui tem um.

- Muito bem – disse Dona Benta. Vamos agora tomar uma folha inteira e desdobrá-la sobre a mesa, assim. Aqui tem você uma folha de papel. Se dobrarmos esta folha pelo meio, quantas páginas ficam? Página é um lado só do papel. Pedrinho dobrou a folha de papel e contou.

- Ficam 4 páginas.

- Isso mesmo. Ora, se imprimirmos um livro em páginas desse formato, esse livro se chamará *in-folio*. Agora dobre o papel mais uma vez e veja quantas páginas dá.

Pedrinho dobrou a folha de papel e viu que dava 8 páginas.

- Muito bem. Um livro impresso em páginas desse formato é um livro in-oitavo, ou in-8. Dobre o papel mais uma vez e conte.

Pedrinho dobrou o papel e contou 16 páginas.

- Isso mesmo. Um livro impresso em páginas desse formato é um livro in-dezesseis, in-16. Dobre o papel mais uma vez e conte. [...]

- Ora veja só, vovó, uma coisa tão simples e eu não sabia! Vou ensinar a Narizinho (LOBATO, 1957, p. 152 e 153).

Aqui, temos uma “aula” sobre a materialidade do livro: Dona Benta, no papel de mediadora, enquanto apresenta uma síntese das aventuras de *D. Quixote*, abre espaço para uma conversa sobre as peripécias do herói e, por que não, das crianças no sítio, explorando sempre a relação entre o conteúdo (enredo) e a forma (edição/adaptação). Podemos observar que, mais do que simplesmente responder ao neto sobre o significado de *in-16*, ela o convida a experimentar as dobras da folha e tirar suas próprias conclusões.

Como mediaríamos essa obra à moda de Dona Benta? Pois bem! Imagine-mos que estamos trabalhando *D. Quixote das crianças*, no formato de *e-book*, com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Em primeiro lugar, sugeriríamos que os alunos usassem o mecanismo de busca do *e-reader* para conhecer o sentido da expressão *in-16*. Cientes do que significa, aí sim abriríamos para discutir sobre como fica essa questão na esfera do digital: Será que há uma correspondência visto que a “folha” no *e-book* é só uma representação gráfica e não o suporte propriamente dito?

Essas reflexões/descobertas seriam compartilhadas em murais colaborativos virtuais, cuja estrutura permite inserir áudios, imagens, vídeos, entre outros, e ainda *linkar*, curtir, votar, comentar, avaliar e atribuir estrelas as postagens. Notemos que, com essa atividade, estaríamos retomando uma explicação dada por Dona Benta, lá no início do século XX, e lançando - a partir de ferramentas tecnológicas para interação - um olhar sobre a materialidade dos textos contemporâneos, pois, como orienta a BNCC, é preciso:

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo (BRASIL, 2018, p. 87).

Uma segunda proposição seria pedir que os alunos comparassem três versões diferentes da mesma obra: capa comum (1957), *e-book* (2017)¹¹ e em quadrinhos (2007)¹². As duas primeiras referentes à adaptação lobatiana para as crianças, já a terceira, uma transposição desse exemplar literário para os quadrinhos. Os estudantes, após observarem o quanto cada escolha editorial afeta a construção dos sentidos e a experiência leitora, usariam os recursos digitais para fazerem um registro dessas análises (mapas conceituais) e até mesmo para criarem suas leituras em outra linguagem como, por exemplo, a audiovisual (animação em *stop motion*), exercitando a produção de textos multissemióticos¹³:

11 A Editora Globo, desde 2017, disponibiliza a versão em Kindle.

12 ANDRÉ, Simas. *Dom Quixote das crianças*: adaptado da obra de Monteiro Lobato. São Paulo: Globo, 2007. (Monteiro Lobato em quadrinhos).

13 De acordo com Rojo & Barbosa (2015, p. 108), “Texto multimodal ou multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semioses) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, *performances*, vestimentas - modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais - modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações - modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais.”

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação (BRASIL, 2018, p. 65).

Quanto à construção dos sentidos, há inúmeras passagens dessa obra lobatiana que poderiam ser exploradas a partir da gravação de um *podcast*, por exemplo. Com isso, além de avaliarmos a performance leitora, oportunizaríamos uma situação lúdica de aprendizagem, como fazia Dona Benta, nas primeiras décadas do século XX e vem preconizando a BNCC:

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BRASIL, 2018, p. 87)

Vamos a um outro livro de Monteiro Lobato: *Geografia de Dona Benta*. Escolhemos uma passagem logo do início da obra - quando a avó responde a uma dúvida de Narizinho e incorre na Lei da Gravitação, de Isaac Newton - para refletirmos também quanto a sua exploração a partir do uso das tecnologias digitais:

- Conte essa lei, vovó,

- A Lei da Gravitação diz assim: *A matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias.*

- Fiquei na mesma! – gritou Pedrinho.

- Pois não será difícil compreender, se formos por partes. Diz a lei que *a matéria atrai a matéria*. Matéria é tudo quanto ocupa lugar no espaço. Você ocupa lugar no espaço; logo você é matéria. Os astros ocupam lugar no espaço; logo os astros são matéria. Emília ocupa lugar no espaço; logo Emília é matéria.

A boneca rebolou-se toda, orgulhosa de ocupar lugar no espaço.

- Mas o espaço é infinito – continuou Dona Benta, isto é, não tem fim; de modo que os astros, por maiores que sejam, não passam de pontinhos ocupando lugarezinhos no espaço infinito. Esses pontinhos, ou películas de matéria atraem-se, ou puxam-se uns aos outros.

- Já sei – disse Pedrinho. Um puxa o outro como o ímã puxa o ferro. O ímã que atrai o ferro é a matéria-ímã atraindo a matéria-ferro.

Continue, vovó.

-Muito bem. *A matéria atrai a matéria*, mas de que modo? De dois modos. Primeiro, *na razão direta das massas...*

[...]

- Segundo modo: *na razão inversa do quadrado das distâncias*. Quer dizer que quanto *mais longe* um astro está de outro, *menos* o atrai.

- Sei. Com a distância vai perdendo a força. Isso é lógico. Se o ferro está a um quilômetro do ímã, por força que é menos atraído do que se estivesse a um metro.

[...]

- Compreendi. Continue, vovó.

- Já acabou. É isso só. Um astro atrai outro conforme o tamanho e conforme a distância que está do outro. Quanto maior for o astro, mais atrai, e quanto mais longe estiver, menos atrai. A Lei da Gravitacão é isso (LOBATO, 1957, p. 9 e 10, grifos do autor).

Temos aqui mais um excerto em que Dona Benta faz a ponte entre as crianças e o conhecimento institucionalizado. Com o objetivo de explorarmos a ciência que nem fazia a avó-leitora-mediadora, indicamos o uso *Gravity Simulator*, uma espécie de convite para experimentar a lei da gravitação com os alunos. Nessa proposta, os estudantes criariam quantas partículas quisessem, definindo tamanho, massa e velocidade, em seguida, visualizariam o trajeto, a colisão e a força de atração entre as partículas desenvolvidas em um campo gravitacional simulado. Mas isso é conteúdo para o 6º ano do Ensino Fundamental? Não podemos esquecer que Lobato nunca teve receio de discutir temas complexos em seus livros infantis. Então, é sim! O importante é trazer o conteúdo de maneira lúdica e o recurso digital integrado ao currículo. Com esta proposição, além de mediar o processo de leitura literária, o professor convoca os leitores a alargarem a percepção e o entendimento sobre os fenômenos do mundo, como recomenda a BNCC:

Analisar, compreender e explicar características, fenômenos e processos relativos ao mundo natural, social e tecnológico (incluindo o digital), como também as relações que se estabelecem entre eles, exercitando a curiosidade para fazer perguntas, buscar respostas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das Ciências da Natureza. (BRASIL, 2018, p. 324)

Uma outra possibilidade é o uso de aplicativos de realidade aumentada. Com o *History: Maps of Word*, os alunos acessariam diferentes mapas de várias partes do mundo de períodos distintos da história. Já com o *Star Chart*, identificariam a localização dos corpos celestes mesmo em plena luz do dia. Esses recursos, além de instigar a curiosidade, permitem:

Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem. (BRASIL, 2018, p. 366)

Uma proposta com apelo mais autoral é usar o *Scratch*, *software* de programação em bloco. Com ele, os alunos gamificariam histórias e jogos. Não podemos esquecer do *Google Earth* e do *Google Maps* que permitiriam realizar atividades riquíssimas no que se refere ao universo cartográfico, como, por exemplo, conhecer mais sobre os muitos espaços geográficos pelos quais a turma do Sítio faz passagem:

Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia (BRASIL, 2018, p. 366).

Também podemos sugerir a retextualização¹⁴ e a tradução intersemiótica¹⁵ de algumas passagens do livro. Na primeira opção, os alunos produziram um novo texto, inclusive com mudança de propósito comunicativo, a exemplo do infográfico,

14 Matencio (2003) explica que retextualizar envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa explorar as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto base para, então, projetá-las, tendo em vista uma nova situação de interação, portanto, um novo enquadre.

15 Com base em Plaza (1987), podemos definir *tradução intersemiótica* como o exercício de traduzir um determinado sistema de signos para outro sistema semiótico.

do *e-zine* e do meme. Na segunda, buscaríamos equivalências em outras linguagens, como é o caso da história em quadrinhos, do *gif* e da fotonovela. Nessas atividades, os alunos iriam:

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 65).

À lista de possibilidades, acrescentaremos também o uso de questionários *online*, os quais permitiriam criar uma espécie de gincana literária, em que os alunos responderiam a perguntas referentes ao que foi lido.

Abaixo, para sintetizar, elencamos os nomes de alguns desses recursos digitais apresentados neste artigo:

PROPOSIÇÕES	RECURSOS DIGITAIS
animações em <i>stop motion</i>	<i>AnimatorHD, Dragon StopMotion, Frame by Frame, iStop-Motion, StopMotion Station e ZU3D</i>
gifs	<i>Giflike, Gif Studio, ImgFlip, Imgur e ImgPlay</i>
histórias em quadrinhos	<i>GoAnimation, Pixton, Scribble Press, ReadWriteThink e Stripcreator</i>
infográficos	<i>Canva, Genially, Infogram, Pictovia, Piktochart, Venngage e Visme</i>
mapas conceituais	<i>Canva, Coggle, Lucidchart, MindMeister, SimpleMind e StormBoard</i>
memes	<i>Adobe Spark, Canva, Crello, Meme Generator e Pext</i>
murais colaborativos	<i>Mural.ly, Padlet e Popplet</i>
<i>podcasts</i>	<i>Adobe Adition, Audacity, CutMP3.net e Spreaker</i>
questionários <i>online</i>	<i>Kahoot!, Mentimeter e Socrative</i>

Quadro 4: Lista dos recursos digitais citados

elaborado pelas autoras do artigo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de uma grande imersão nos *smartphones* e nos *tablets*, traço marcante de uma cultura permeada pela revolução digital, temos observado que os professores vêm encontrando dificuldades para envolver seus alunos na leitura de obras literárias, especialmente, as que apresentam uma grande distância entre o contexto de produção e de recepção. Contudo, acreditando que podemos nos apropriar desses recursos tecnológicos como uma forma de instigar o trabalho com a literatura em sala de aula, apresentamos algumas possibilidades de mediação no presente artigo.

Tomamos a performance de Dona Benta, enquanto avó-leitora-mediadora, como um modelo para elaborar nossas proposições, haja vista que a carismática personagem das histórias infantis lobatianas, sensível às competências de leitura de seus ouvintes, sempre encontrava meios para apresentar os textos às crianças e, assim, convidá-las a refletirem não só a respeito da construção dos sentidos nos textos, mas também sobre os diversos conhecimentos que atravessam as histórias.

“Moderna”, não pelas novas roupagens que vem recebendo em diferentes edições nos últimos anos, Dona Benta nos inspira pelo jeito que promove os livros e medeia as discussões. Por isso, nossas sugestões do uso dos recursos digitais para explorar *Dom Quixote das crianças* e *Geografia de Dona Benta*, no 6º ano do Ensino Fundamental, nunca se tratava de uma concepção encantada com o em si tecnológico, mas de uma tentativa de mobilizar diferentes áreas do saber para alargar o olhar de descoberta, formando leitores verdadeiramente proficientes para ler o mundo, como espera a BNCC e fazia a referida avó-leitora-mediadora.

Paulo Freire (1987, p. 79) dizia que “Ninguém educa ninguém, nem ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comum mediados pelo mundo” e o mundo, hoje, é aquele em que vivemos na mudança da mudança, onde tudo se forma e se transforma frente a nossos olhos (TIBIJOY, 2008). Logo, sem preconceitos e medo de tentar, revimos nossas posturas docentes, considerando *aprender a reaprender* e pensando em formas, à moda de Dona Benta, de possibilitar uma educação centrada no protagonismo do aluno.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- CARDOSO, Rosimeiri Darc. Geografia de Dona Benta: o mundo pelos olhos da imaginação. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- CEBRIÁN, Juan Luís. *A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação*. Trad. Lauro Machado Coelho. São Paulo: Summus, 1999. (Coleção Novas buscas de comunicação; v. 59)
- COELHO, Nely Novaes. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Nova Consciência)
- CRUZ, Nelson. Literatura e cultura em tempos digitais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 20, 2012.
- DIONISIO, Angela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). *Múltiplas linguagens para o Ensino Médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. (Série Estratégias de ensino)
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Discutindo sentidos da palavra intervenção na pesquisa de abordagem histórico cultural. In: *Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção*. Juiz de Fora: Editora UFJR, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. [1968]
- LACERDA, Nilma. *Tortura e Glória: fugas na ordem dos livros*. Belo Horizonte: Superintendência de Bibliotecas Públicas de MG, 2010.
- LAJOLO, Marisa. Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura. In: *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2005.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças: contado por Dona Benta*. (Ilustrações de André Le Blanc). 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. [1936]
- LOBATO, Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado* (edição fac-similar). São Paulo:

- Monteiro Lobato e Cia, 1982. [1920/21]
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 2 ed. vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1977. [1931]
- LOBATO, Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. (Ilustrações de André Le Blanc). 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1958. [1935]
- LORENZI, Gislaine Cristina Correr; DE PÁDUA, Tainá-Rekã Wanderley. Blog nos anos iniciais do Fundamental I: a reconstrução de sentido de um clássico infantil. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Orgs.) *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. (Série Estratégias de ensino)
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Herendando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. *Revista Nómadas*. Bogotá, Fundación Universidade Central, 1996.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo. *Scripta*, 2002, v. 6, n. 11, p. 25-32;
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997a.
- MORIN, Edgar. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Uma pedagogia para os meios de comunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, Moderna / CCA-ECA-USP, n. 12, 1998.
- PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues; *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Série Estratégias de ensino)
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Letramentos, mídias e linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019. (Série Linguagens e tecnologias)
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo. (Orgs.) *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. (Série Estratégias de ensino)
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. (Série Estratégias de ensino)
- ROMANO, Patrícia A. Beraldo. *Dona Benta: uma mediadora no mundo da leitura*. Curitiba: Appris, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

TIJIBOY, Ana Vila. As novas tecnologias e a incerteza na educação. In: SILVA, Mozart Linhares da. (Org.) *Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.